

As causas económicas das guerras

A Cura das Nações e as Fontes ocultas da sua Luta, tal é o título do livro publicado recentemente pelo grande filósofo e poeta socialista inglês Eduardo Carpenter. Como muitos actos e palavras que nos vieram de Inglaterra desde o começo do conflito, este livro é impregnado duma firmeza e duma calma que se impõem. Sente-se que o autor não perdeu a cabeça, nem o desconcertaram completamente acontecimentos que há muito eram de prever. Por isso a história da guerra não começa para ele com o ultimato da Austria à Sérvia e a questão de saber a quem cabe a responsabilidade da abertura das hostilidades tem-na ele como secundária.

Seja qual for a amplitude da conflagração actual, não passa dum episódio da luta económica e social muito mais vasta, que acompanha a involução do sistema capitalista. Os acontecimentos actuais demonstram a evidência que este sistema, baseado sobre a concorrência ilimitada dos apetites, se solicita algumas actividades pelo engodo do ganho, não é capaz nem de aplicar racionalmente os imensos recursos e os conhecimentos não menos vastos de que dispõe a humanidade, nem de garantir aos indivíduos, além duma certa segurança, a possibilidade de desenvolver a sua actividade em proveito da comunidade, retirando dela ao mesmo tempo uma satisfação pessoal.

É fora de dúvida que esta guerra tem antes de tudo causas económicas, causas que foram complicadas com motivos de ordem sentimental, preconceitos inveterados, favorecidos pela ignorância, velhos ódios de raças, rancores hereditários, actuando mais como alavancas das massas do que como causas eficientes.

Se necessário fosse abrir os olhos para o que a tal respeito se diz, bastar-me-ia citar o extracto seguinte dum jornal financeiro, cujo autor não pensava em fazer a critica do sistema social existente, mas apenas em explicar aos seus leitores as vantagens que a guerra oferecia sob o ponto de vista dos empregos de capital:

«Examinando dum ponto de vista elevado as causas múltiplas que produziram a conflagração europea, somos levados a reconhecer nelas o papel preponderante da gigantesca luta entre a Alemanha e a Inglaterra, a qual tomara o aspecto dum verdadeiro conflito de interesses.

Esta guerra apresenta-se, por consequência, a certos respeito, sob o aspecto duma imensa luta do capitalismo que, em virtude da concorrência industrial desenfreada entre as duas nações que aspiram á conquista do mercado mundial, viu todo o sistema actual da economia geral, e especificamente da produção e da troca, comprometido pela diminuição incessante da taxa de juro.

Era, pois, necessário deter a inevitável catástrofe; e a guerra foi, e será sempre o meio mais poderoso para reconduzir os lucros e juros do capital a um nível tal que a sua colocação seja remuneradora.

É também por este motivo que as rendas dos diferentes Estados baixaram e baixarão mais sem dúvida, a fim de elevar automaticamente a taxa do juro; e as novas emissões deverão ser feitas a uma taxa superior á taxa usada antes da guerra.

Carpenter não nutre ilusões nem se contenta com palavras. Sabe que em presença de tam complexos acontecimentos, os homens «satisfazem-se apanhando alguma bela frase, por mais superficial que seja, em guisa de explicação.»

Trata-se de achar uma frase «que coloque os seus próprios esforços sob uma luz ideal. Nenhuma nação pode lutar abertamente por um fim inferior. Cada nação inscreve na sua bandeira: «Liberdade, Justiça, Religião, Civilização contra Barbaria». E isso não é hipocrisia, mas uma necessidade psicológica, embora as nações, é natural, entre si se acusem de hipocrisia.»

não estivesse de acôrdo com a classe dos industriais e dos commerciantes que a prosperidade económica da Alemanha pôs á testa da nação. A ausência tam frisante de educação politica entre os intelectuais alemães, que tem persistido até hoje, suprime qualquer fiscalização no seio dessas classes dominantes.

NOTA DA RED.—E' dum artigo de Jacques Mesnil, intitulado «Lendo Carpenter» e publicado na *Bataille Socialiste* de 27 de Junho, que extrahimos as passagens acima.

Mesnil diz ainda que Carpenter, num belo esforço de objectividade, consegue pôr-se no lugar dos alemães ao estalar o conflito e que critica os erros e faltas do governo inglês com o mesmo desassombro e clareza de espirito empregados contra o governo alemão.

Em seguida, fala da liberdade de imprensa na Inglaterra neste momento, da soberba independência dos escriptores ingleses e da sinceridade do liberalismo britânico.

Humil Quanto a este sentimento, torcemos o nariz, duvidosamente. Preferiríamos dizer, em vez de sinceridade, habilidade—bastante forçada pelo poder e educação do publico. E a censura da correspondência postal, certas medidas de salvação e de coacção, a ameaça feita por um ministro no parlamento de suprimir *The Labour Leader*, cuja linguagem é bem moderada, esses e outros factos fazem-nos duvidar da tal sinceridade.

Mesnil quis evidentemente dirigir uma censura indirecta á Censura prévia franceza e ao regime da mentira e do silêncio que impera em França. O confronto é humilhante.

Mesnil ainda acrescenta que, por causa dessa tradição liberal inglesa, «a ter de escolher, prefere a hegemonia da Inglaterra á da Alemanha na Europa». Também nós—a ter de escolher. Mas Mesnil não nos diz de que modo falamos a escolha e a preferência.

Intervindo na guerra ao lado dos Aliados? Ah! Isso não: o ganho seria inferior á perda. A guerra não é meio de defender o liberalismo. A attitude de opposição ou de revolução contra todos os governos e em favor da solidariedade internacional operária é ainda o melhor. E depois, á hegemonia da Inglaterra não é bem o mesmo que a hegemonia do liberalismo inglês.

Recordação histórica

No suplemento do jornal *L'Avant-Garde* de 29 de Junho de 1876 lê-se o seguinte:

Associação Internacional dos Trabalhadores
FEDERAÇÃO NAPOLITANA

Companheiros,
A redenção das terras irredeente (não redimidas) é o tema da agitação actual dos burguezes de Italia, que em solenes comícios procuram arrastar o povo em proveito das suas miras. Nada disso nos perturbe. Mostremos-lhes assim que, instruídos finalmente por tantas desilusões, compreendemos o valor de mistificações dessa ordem.

Companheiros,
Que os trabalhadores de Trento e de Trieste sejam escriptos dos capitalistas e esbirros alemães ou dos capitalistas italianos, é coisa para nós e para eles inteiramente indifferente. Os únicos que podem tirar algum proveito expõem-se ao canhão austriaco, são os nossos burguezes que verão talvez, graças ao nosso sangue vertido, alargar-se algumas milhas o campo do seu dominio. Nós, em vez de ser instrumentos da sua ambição e de desperdiçar as nossas forças, consagramo-las á redenção de toda a terra—da terra redenta e da irredeente.—consagramo-las á destruição do edificio que nos oprime—dos Estados—e a uma organização livre conforme aos principios do socialismo anarquista.

Companheiros,
Eis a revolução que interessa os trabalhadores de todos os países. Qualquer agitação de outro carácter só tende a rebater as cadeias com que os burguezes nos mantem encadeados e a mergulhar-nos cada vez mais na miséria e na ignorância. Tenha, pois, o acolhimento que merece.
Nápoles, Julho de 1878.

Pela Federação:
José Merlino, João Buonfantini, Nicolau Converti, João Dománico, Francisco Sicilianí, Tomá Sobettino.

Notas de perto

XV

Meu Caro C

Quando o camarada belga, G. Marin, de novo regressou á Inglaterra, alguns camaradas pediram-lhe impressões e notas acerca do que virá naquêlê pobre país. Extrahido de uma carta, eis o que elle disse, ha já mezes:

«Assisti á grande reunião internacional socialista que se realizou em Bruxelas para protestar contra a próxima guerra. Essa reunião effectou-se no maior salão da cidade, o Circo Rial; 8.000 pessoas do lado de dentro e cerca de 20.000 de fora, que não puderam entrar. Nunca vi uma tal multidão na nossa cidade, e nunca sonhei um tal entusiasmo em qualquer parte, especialmente na Bélgica. Presidiu Vandervelde. Keir Hardie falou em nome dos trabalhadores ingleses, Haase pelos alemães. Troelstra pelos holandeses, Rubanovitch pelos russos, Jaurés pelos franceses—esqueci os nomes de outros delegados (italianos, etc.). Rosa Luxemburgo estava lá, mas muito cansada para falar, e teve uma ovacção pela sua propaganda antimilitarista na Alemanha. Nem só socialistas e anarquistas lá estavam, mas muitos outros; e era com effeito muito engraçado ver a burguesia liberal e mesmo alguma conservadora implorar auxilio ás forças proletárias para que os salvassem do próximo perigo da guerra. Haase disse-nos que se tinham realisado, sómente em Berlim, vinte e sete comícios contra a guerra na noite anterior. O jogo porco dos capitalistas, occultando a situação em cada país, foi longamente revelado por cada um dos oradores. Jaurés afirmou que se o governo francês cometesse o concebido crime, o seu partido estava pronto para se recusar a marchar! Esta declaração foi recebida com hurrahs estrondosos e sem fim. Tal foi o espirito mostrado então, que nós esperavamos que os vários governos hesitariam em frente de tão determinada attitude da classe trabalhadora.

«Naquella noite e no dia seguinte numerosos grupos de populares passeavam por todas as ruas da cidade com dísticos nos chapéus ou nos casacos, com estas palavras: «Guerra á Guerra». Todos os belgas que interroguei, camponeses ou cidadãos, soldados ou civis, homens ou mulheres, estavam horrorizados com a idéa da guerra, e nem um se mostrou amedrontado pelo facto de terem de vir a ser governados por alemães, franceses ou ingleses, pois o que desejavam era paz. A bem conhecida falta de patriotismo entre os belgas não é infelizmente o resultado de uma má compreensão, mas de diferentes causas, que são: primeiramente, porque os belgas não tem linguagem nacional própria; daqui o nunca a classe dirigente ter conseguido crear uma verdadeira psicologia nacional, a despeito dos seus esforços pela educação e pela imprensa; segundo, por o Governo Clerical, eleito pela pluralidade do voto, ter deixado por algum tempo de representar a mais numerosa e especialmente a mais activa parte da população; terceiro, o temperamento não entusiasta dos belgas não dá bom suporte ao patriotismo. Aparte tudo isto, o partido socialista é muito forte em todas as partes industriais do país, e tem ensinado o povo a olhar como amigos para os seus camaradas trabalhadores estrangeiros, que tambem não seriam mais ou menos miseraveis debaixo de qualquer outro governo que não fosse aquêlê que eles estão suportando presentemente.

«Muito poucos dias depois da reunião, á meia noite, chegaram-nos as fataes noticias de mobilização geral. Estavamos então vivendo numa pequena casita de Wallow, a umas quinze milhas de Bruxelas. Ás quatro horas da manhã, partimos, tendo determinado voltar á Inglaterra. Nunca esqueceremos a vista desta pequena pobre aldeia, á noite: mães permanecendo á entrada das portas, segurando uma lanterna brilhante o suficiente para se lhe verem correr as lagrimas pelas faces. Este infeliz povo compreendia que tinha deixado os seus amados filhos

pela ultima vez. Tivemos que mudar de carro e de comboio muitas vezes. Cada estação e cada vagon estavam sobrecarregados com soldados. Numa pequena estação esforcei-me para conversar com eles: nem um precisava defender o seu país, o seu governo, a integridade ou a independencia belga. Nos comboios escutavamos as conversações. Estavam indignados com a idéa de ir «matar camaradas de miséria que lhe não tinham feito offensa alguma». Neste concerto de indignação eu não ouvi uma voz discordante. Porque, então, iam eles como um rebanho de carneiros para o matadouro? «Se não fórmos, seremos fusilados», era a unica resposta que podiamos obter.

Compreenderei agora porque Vandervelde, cuja eloquência tinha feito dele o braço direito do Partido socialista na Bélgica, e que tinha presidido ao comício contra a guerra, foi inesperadamente nomeado Ministro de Estado, por cujo passo se tornou um traidor ao partido e vendeu a sua grande influencia ao Governo. Durante anos o seu designio era vir a ser ministro, e agora conseguiu-o. Mas tenho duvidas se elle inoculou o seu rebanho do mesmo vírus desde que partiu. Alguns refugiados belgas que vi ultimamente na Inglaterra, disseram-me que «a anexação da Bélgica pela Alemanha teria sido um cento de vezes mais preferivel ao desastre que o país sofreu com a guerra; e que se os aliados realmente tinham qualquer compaixão pelos belgas, fariam muito melhor não começar de novo por amor ao rei Alberto e seus co-beneficiários».

A transcrição que hoje fiz é talvez um pouco longa para umas resumidas *Notas* que me propuz offerecer-te. Mas, apezar de escripta ha já quase um ano, achei tam util que a conhecesses que me relevavas se não atingi o meu fim.

Falou-se, e fala-se tanto da invólucro daquele país, de attitudes louváveis e censuráveis de habitantes em evidencia, comparam tantos a sorte daquele país com a de que este, onde vivemos, um dia poderá vir a ter, que não cito, em tempo, a opinião de um belga acerca do que por lá aconteceu.

Vê agora como em poucas linhas o sargento W. A. Thompson do regimento 4.º Black Watch se refere á luta em Neuve Chappelle. Transcrevo do *Strathearn Herald*, de 3 de abril:

«Tomamos parte na grande batalha do dia 10 (março, creio). Foi a minha primeira experiencia desta especie e espero que será a última.

«...Mortos, moribundos e mutilados jazendo por toda a parte, tanto brancos como negros; soldados e maqueiros conduzindo feridos para a rearguarda. Tendo nós chegado recentemente e sido arremessado neste inferno, estavamos mais ou menos fora de nós, e os camaradas mais novos ainda mais, pois que, enquanto repousavam por detraz dos parapetos—perdemos parte da nossa companhia, e os feridos foram tambem arrebatados... Reparei em alguns soldados ajoelhando e agradecendo ao Deus Poderoso (fi-fa-te e verás o trambulhão) por... Se o mundo permitir outra guerra Europea, o Poderoso deveria varrer toda a população civilizada da face da terra, e deixar que os selvagens governassem».

Depois destas apreciações que não são dos nossos, ainda nós, os que menos para as guerras contribuimos, devemos inclinar-nos para que a victoria ou a derrota seja sofrida por aliados ou hunos? Não te parece mais acertado que esse serviço seja prestado por quem com mais fé á pátria pode defender desde que nós proclamamos que o mundo é de todos e todos somos irmãos e repudiamos a idéa e o facto do mundo dividido em pátrias ao sabor de quem governa?

Creio que esta *Nota* já vai longa e receio massar-te demasiado e roubar espaço a outros nas columnas da *Aurora*. Fica por isso, para a próxima, a continuação da publicação das *Tabelas* da «World Peace Foundation».

Lisboa, 20-7-1915.

Teu

H. QUESARIO

Coisas historicas

19-1914—Os grupos anarquistas de Buenos Aires, promovem comícios publicos e manifestações revolucionárias nas ruas como protesto contra a carestia da vida e contra as odiadas leis de excepção.

20-1904—Em Montevideo começa a publicar-se uma revista anarquista com o título, *O Futuro*.

21-1872—Levados pelo seu fanatismo, os católicos tentam assassinar João de Witt, presidente da república holandesa; ficou apenas ferido.

22-1914—A greve geral de Petrogrado assume um aspecto violento por causa da acção das autoridades. Há várias colisões com os cosacos, resultando bastantes feridos de ambas as partes.

23-1818—Termina a sua existência politica, a república de Pádua.

24-1913—Declaram-se em greve os mineiros de Aubin (França). Reclamam aumento de salário.

25-1914—São prohibidas, em diferentes cidades de Espanha, as manifestações em homenagem a Francisco Ferrer e de recordação da semana sangrenta.

Paraí com a guerra!

Sim, dizemos «Paraí com a guerra!» e de todos os homens das nações beligerantes teremos um eco ao nosso brado. A despeito dos censores civis e militares, sabemos que os povos da Europa estão fartos da horrível matança; e os governantes começam tambem a perguntar inquietos quando e como ella poderá ser sustida a tempos de elles salvarem os seus troncos. Na Rússia, o povo torna-se indolente; na Alemanha, principia a ver como foi lograda pelos seus dirigentes; em França, diz-se que a opinião é contra outra campanha de inverno; e no nosso país, já a imprensa não fala duma marcha triumphal sobre Berlim. Mesmo na Italia—cujos estadistas acharam a peita dos Aliados mais vantajosa do que a dos austro-alemães—já se foi começando á contralidade por uma imprensa mentirosa e em breve descobrirá a trapaça com que foi desencaminhado. Está, pois, maduro o tempo para uma activa campanha em favor da cessação da guerra, e esperamos que quantos comprehendem a tragédia d'êste horrível desperdício de vidas se lançarão na campanha com coragem e resolução.

Se aos soldados de todos os exercitos preguntássemos por que combatem, bem poucos nos sabariam dar uma resposta satisfatória. Após dez meses de combate e a despeito de todos os livros azuis e papéis brancos, e dos inúmeros artigos de jornais e revistas, e dos livros e folhetos, continuamos tam longe como estavamos de compreender os objectivos pelos quais lutam os governos dos diversos países. Uma coisa se pode dizer com absoluta certeza: nenhuma das classes trabalhadoras dos países em luta obterá o menor alívio da atroz labuta e miséria que são o seu quinhão habitual.

Imaginemos uma balança gigantesca na qual pesemos as perdas e ganhos da guerra até hoje. Num prato colocais os três milhões de mortos e inválidos, no outro, que poreis vós para equilibrar aquillo? Mesmo esperando até ao fim da guerra, que podéis pôr no prato oposto para equilibrar essa massa pavorosa de sofrimento humano? Que pode compensar as lagrimas e a angústia das mães, viúvas e orfãos? Servirão acaso de bálsamo ao mutilado vãs palavras sobre a honra nacional vingada? Não! nada se pôde dar em troca, nada se pode ganhar que não seja fixado definitivamente em volta duma mesa. Por isso a continuação desta insensata carnificina é o crime mais estúpido da história e criminosos são todos os que para essa continuação actuam.

Sim, ouvimos á resposta: «Se paramos agora, seremos subjugados e esmagados». Tal não seria, porém, o caso. Todas as Potências anseiam realmente por cessar, mas nenhuma se atreve a clamar: «Alto! basta!» Uma há-de gritar primeiro, e porque não há-de ser a Inglaterra? Ousemos, portanto. Não devemos esperar o bel-prazer dos governos. Foram elles que decidiram quando devíamos ser in-

A hora do descanso

—Então, sr. Aninhas, que lhe parece a questão do Douro? —Esse barulho todo que por aí anda? Que me há-de parecer? Que o desassossêgo não tem acabamento. E' uma zaragata a acabar e logo outra a começar. Ai que tempos, que tempos, Mariquinhas! —Mas diga lá a sua opinião... —Eu sei lá... O meu homem já por lá tem falado disso, mas eu não prestei grande sentido. Nem sei bem o que é que eles pedem. —A coisa é esta: o governo fez um tratado com a Inglaterra para que lá não entrem com a marca «Pôrto» vinhos que não sejam de Portugal. —Isso é justo. Pois donde são os vinhos do Pôrto senão de Portugal? —Mais devagar, mais devagar: os vinhos do Pôrto são do Douro, da região do Douro. Não são nacionais, mas sim regionais, percebeu? —Mas então, que querem os homens? —Que não possam entrar na Inglaterra, nem ser lá vendidos, ou pelo menos que não possam sair de Portugal vinhos do Pôrto que não sejam da região demarcada do Douro, exportados pela barra do Pôrto. —Já entendo. E porque não lhes faziam a vontade? —Porque os do Sul diziam que também precisavam de vender o seu vinho, que a concorrência deles não podia fazer mal ao Douro, visto o Douro não poder produzir que chegasse p'ro consumo, e que bem lhe bastava ter sacudido a concorrência dos falsos vinhos do Pôrto estrangeiros. Que eram todos portugueses, filhos da mesma pátria, e que o governo não era só do Douro. —E olhe que os homens não deixavam de ter a sua razão. A pátria é só uma... —Duas, sr. Aninhas, duas: o Norte e o Sul. E' p'ra que saiba. Houve até quem falasse em guerra entre elas. O poeta Guerra Junqueiro, por exemplo. —Que me diz? O que escreveu a Pátria, que o meu homem está sempre a ler? —Esse mesmo, um dos representantes dos lavradores do Douro. Agora decerto vai escrever a Pátria Duriense.

—Vá, Mariquinhas, fale sério... —Mas que cuida vossemecê? Os do Douro também sabem falar em nome da pátria e dar razões patrióticas de peso. Dizem que a região do Douro só pode produzir vinho, ao passo que o Sul dá trigo e outros cereais, que tanta falta fazem ao país, que os tem de mandar vir de fora em grande quantidade. Se o Sul começa a poder vender vinho com boa marca, em condições vantajosas e em larga escala, não quer senão videiras, deixa opais sem cereais e mata a fome o Douro, que não pode dar outra coisa senão o seu «néctar precioso», e nem sequer poderá comprar ao sul os milhares de pipas de aguardente que lhe costuma gastar... —E na verdade, olhe que essa razão é também de peso. —Pois é; mas os do Douro sempre confiam mais em razões de Pêso... da Régua. —Quer dizer: na greve, nos tumultos, nos incêndios de repartições, nas ameaças? —E' como canta. —Mas a Mariquinhas não acha que cada terreno devia ser destinado aquilo que melhor desse, conforme as necessidades de todos? —Pois está visto que acho. Mas os proprietários, os donos das coisas, os que mandam no trabalho e na produção de tudo, querem lá saber da «pátria» e do bem de todos! Então eles produzem lá para satisfazer necessidades? O que eles querem é enriquecer, e quanto antes. Produzem o que se vender melhor e mais depressa, ainda que seja veneno em vez do pão que é preciso. E assim há-de ser sempre, enquanto as coisas forem de poucos e não de todos, como devia ser. —Já vejo que os figurões que falam em pátria é para encobrir arranjinhas e enganar os patos. —Boa lição que eles dão á gente, pois não é? E então aquela maneira de proceder? Pancadaria rija e roncav de grosso... —Mas também, se fôssem operários, haviam de ser tratados com outros modos... —Lá isso é verdade. Os grandes gritaram, ameaçaram e nada sofreram: não havia instigadores, não havia meneurs... Se fôssem operários, os delegados eram logo engaiolados... Mais uma lição! —Toca a entrar p'rá fábrica!

DIABO RUBRO.

migos; decidamos nós quando havemos de nos fazer amigos. Que o povo exprima claramente que detesta a guerra e todas as suas barbaridades e horrores, e a sua vontade, uma vez abertamente manifestada, será de per si suficiente. Não é possível uma guerra que seja oposta ao sentimento público. Esse sentimento já está a mudar, mas recêta exprimir-se. Fortaleçamo-lo com a nossa agitação, e estará preparado o caminho para a cessação da guerra. Quanto mais esperarmos, mais danificadas são as nossas liberdades no país. Os partidos reaccionários em todos os países estão a aproveitar a guerra para bem dos interesses, e se a luta não acaba em breve, os homens das trincheiras verificarão ao regressar que se desvaneceu a liberdade, cuja defesa eles julgam a assegurar ali. (Do Freedom, de Londres).

Boas e más notícias

Le Réveil publica o seguinte trecho duma carta que recebeu de França: «Muitos dos nossos partiram para manear uma espingarda, na fé que poderiam servir-se dela para outro fim. Era o que eles julgavam compreender nos artigos dos revolucionários, e hoje estão bem desenganados e sentem raiva, porque os fluidram. A situação torra-se má na linha de fogo.» Também nós temos recebido notícias particulares, que mostram a incerteza e a angústia do momento. O descontentamento cresce em todos os países beligerantes. Em França tem havido algumas insubordinações, duramente reprimidas. Recentemente, foram fuzilados 40 homens, entre eles dois camaradas nossos. Por toda a parte, aumenta rapidamente o número dos que querem a guerra terminada, seja como for. Infelizmente, as notícias vin-

das de França são pouco satisfatórias. A reacção militar triunfa ruidosamente. A imprensa burguesa aproveitando bem o estado de espirito dominante, pregando á sua vontade sem contradição, só tra ta de conquistas e anexações e do ulterior desenvolvimento do poderio militar. As lições que ela tira da guerra são lições de técnica militar, destinadas a melhorar e fortalecer para o futuro o melhor instrumento de dominação capitalista e estatal. Quanto aos revolucionários, se alguns vão abrindo os olhos, outros mantêm a deplorável cegueira de principio, e muitos parecem ser desde já os incuráveis. As forças a opor á reacção que se anuncia são por um lado mui reduzidas, por outro muito desanimadas, de prestigio perdido, de ideias enfraquecidas e contraditórias. Os liés da primeira hora mantêm-se firmes — que sabemos, sem excepção. Na C. G. T., na Comissão Confederal, a remar contra a maré está quase só Merrheim, com o apoio decidido da Federação Metalúrgica, francamente ajudado por Péricat, delegado da Construção Civil, o qual não pode fazer mais por falta de apoio da sua organização. No partido socialista, começa a desenhar-se uma minoria partidária da paz seja como for. Há também os autmatistas. Mais é claro que nada podem dizer abertamente. Essas notícias não são inteiramente boas, é certo, e nós não gostamos nada de espalhar o desânimo. Mas sentimos também a necessidade de destruir certas ilusões e certos erros funestos. Demais, se as coisas correm mal num ou mesmo em todos os países beligerantes, mais uma razão para trabalharmos com afinco abm de impedir que seja geral ou prolaudo e duradouro o triunfo provável, mas não certo, da reacção burguesa e militarista. Corações ao alto!

DOCUMENTOS PELA PAZ

Manifesto publicado no Rio de Janeiro

A guerra

Novo meses são já passados desde que rebentou o tremendo conflito que ensanguenta o solo da Europa. Centenas e centenas de milhares de homens — os mais fortes, os mais vigorosos — jazem no campo da luta, vítimas da imensa carnificina. Cidades, vilas, aldeias — da Bélgica, da França, da Sérvia, da Austria da Rússia, da Alemanha, da Turquia — tem sido incendiadas, destruídas, saqueadas, arruinadas sob a acção implacável das modernas máquinas de guerra. Já não tem conta as famílias empolgadas pelo horrível flagelo — a miséria, a fome, a orfanidade, o massacre, a devastação. Segundo cálculos autorisados e prováveis, as despesas com a guerra montam já, para todos os países em luta, a mais de 25 milhões de contos de réis. Tal o espectáculo pavoroso a que o mundo vem assistindo, assombrado, de ha nove mezes para cá. Mas como, porque e para que se desencadeou sobre a humanidade esta loucura guerreira?

Origens e causas da guerra

Os factos são bem conhecidos. A 28 de junho de 1914, o príncipe herdeiro da Austria-Hungria, Francisco Ferdinando, e sua esposa caíram assassinados, na cidade de Serajevó, vítimas da vingança do patriota sérvio Grávillo Princip, que assim supunha livrar a pátria dos seus piores inimigos. Tenssesimas se tornaram então as relações entre os governos da Sérvia e da Austria-Hungria. Estabeleceu-se o grave conflito diplomático. A opinião universal ficou como que suspensa, á espera dos acontecimentos. Os governos das grandes potências europeias agitaram-se, alarmados. O governo da Rússia, a pretexto de protecção á raça eslava, surgiu na arena dando mão forte á Sérvia, mais ou menos occultamente. Os governos da Alemanha, da França, da Inglaterra, da Itália entraram em jogo. As duas grandes alianças políticas e militares — Inglaterra, França e Rússia dum lado, Alemanha, Austria e Itália do outro — levantaram-se frente a frente, e entraram nas negociações diplomáticas. De rei para rei, de chancelaria para chancelaria, sucediam-se os telegramas. As conferências repetiam-se simultaneamente em Viena, em Belgrado, em Petrogrado, em Berlim, em Londres, em Paris, em Roma. Cada governo, cada rei proclamava as suas intenções pacíficas e pacificadoras, o seu ardente desejo de não perturbar a paz, o seu santo horror pela guerra. Entretanto, hora a hora, mais e mais se agravava a situação. Os grandes exercitos começaram a mobilizar-se, na sombra. Havia um surdo rumor fúidico, precursor da tristíssima tragédia. A atmosfera política e social de todo o mundo mostrava-se, cada vez mais densa, mais carregada, mais abafada, como em vésperas de grande tempestade. Os dias passavam-se assim, affluivos e silenciosos. E, um mez depois, precisamente, chegava-se o fogo á mecha: no dia 28 de julho o governo da Austria declarou a guerra ao governo da Sérvia. Estava tudo perdido. Os acontecimentos precipitaram-se com uma rapidez fulminante. Uma semana após, as grandes potências da Europa engalfinhavam-se, provocando e reagalfinhando a maior guerra de todos os tempos.

Estes, em resumo, os antecedentes immediatos da conflagração. Se, porém, se examinar mais a fundo a questão, ver-se-á que o assassinio dos príncipes herdeiros da Austria nada mais foi, em tudo isso, que um bom pretexto para liquidar contendas antigas, que dia a dia mais se acirravam. Outras são as origens e as causas reais desta guerra. Com o prodigioso desenvolvimento industrial moderno verificou-se, nos países de grande industria, uma superprodução em relação aos mercados nacionais, e daí a necessidade, para os mono-

polizadores dessa indústria, de procurar mercados novos além das fronteiras.

A este fenómeno, resultante da organização económica vigente da sociedade, dá-se o nome de «política de expansão» ou «política colonial.»

Como se pratica esta política de expansão ou colonial? De dois modos: pacificamente ou violentamente. Pacificamente, quando a conquista de mercados é realizada em países de certo adiantamento (como o Brazil); violentamente, em países ou regiões mais atrasadas e incultas (na Africa, na Asia).

A conquista pacífica de mercados sabemos nós como é feita: aí estão os capitais, as grandes empresas e casas importadoras inglesas, alemães, francesas, italianas, etc.

A conquista violenta tem como exemplos mais característicos e mais modernos: a India, a Kiao-Tchéo, Transwal, a Tripolitânia, Marrocos, são hoje colónias dependentes e conseguidas a custo de rios de sangue, pela guerra, pelo saque, pelo massacre.

Ora, varios são os países de grande industria, que praticam a política de expansão económica. O choque de interesses entre eles é, pois, fatal. A concorrência faz-se encarniçada. As rivalidades agravam-se, tornam-se cada vez mais ameaçadoras, disfarçadas embora pelas intrigas e mentiras diplomáticas. E um dia vem em que rebenta tudo... E' o caso da guerra actual.

A Inglaterra, com o seu imenso império colonial; a França, com as suas enormes regiões africanas; a Itália, com o seu recente expansionismo, a Rússia, com as vistas voltadas para os portos da península balcânica; a Alemanha, com a sua formidável concorrência pacífica infiltrando-se por toda a parte; os países balcánicos e a Turquia, com as suas velhas contendas e ambições reciprocas; a Austria, a enterrar as garras pelos territórios balcánicos, — prepararam, todas, calculadamente, durante muitos anos, a espantosa tragédia que ha 9 mezes se desenrola na Europa.

Patriotismos, honras nacionais, raças, defesas de culturas ou de civilizações, — tudo balelas com que se procura mascarar aos olhos do povo, o grande crime premeditado e cometido pelos governos ao serviço dos senhores da alta finança e do alto comércio.

O militarismo

E tam grande é o crime que nenhum governo dos países em luta quer tomar a responsabilidade de o ter provocado. Com efeito, pelos seus livros brancos, amarelos, azuis, alaranjados, etc., cada governo procura provar ao mundo que nenhuma culpa teve e que esta cabe exclusivamente aos inimigos.

A verdade, porém, é que todos eles são igualmente responsáveis.

Da concorrência comercial, das rivalidades industriais é que resulta principalmente a formação dos grandes exercitos e das grandes esquadras.

O militarismo tem dois fins capitais: um de ordem externa e outro de ordem interna.

O de ordem externa é, segundo a fraseologia burguesa, «dotar a pátria dum poder eficiente de defesa contra qualquer ataque estrangeiro». Como este é o argumento dos governos de cada país, pois nenhum governo forma exercitos e esquadras para atacar qualquer outro, segue-se que o argumento está errado: se nenhuma pátria se arma para atacar outra pátria, não ha perigo de ataque para nenhuma, e se não ha perigo de ataque, não ha por consequência, motivo de defesa. O argumento é logicamente falso, evidentemente mentiroso.

O que é verdadeiro é que os exercitos e as esquadras de cada pátria se destinam a prestigiar, a garantir a própria expansão económica em prejuizo das outras pátrias rivais, e daí o encontro fatal das forças contrárias. E' a guerra. A guerra actual não tem outra explicação.

O fim de ordem interna é duplo.

Paralelamente ao desenvolvimento industrial manifestam-se as lutas de classe, as lutas do proletariado contra o patronato. Os ope-

rários organizam-se e com tendências revolucionárias, para a defesa directa dos seus interesses, para a resistencia á exploração dos capitalistas. Estabelece-se a batalha sindicalista, renhida, intensa, constante, com desfechos sangrentos, não raro. E' a desordem social. Surge então o governo, mantenedor da ordem. Mas o governo é da mesma classe dos patrões, é formado também por patrões, tendo portanto os mesmos interesses. E' claro, pois, que o governo está sempre ao lado dos patrões, ao lado de si mesmo.

Entra em scena o militarismo.

O grosso dos exercitos, os soldados, são homens saídos das classes operárias, arrancados á oficina, arrancados á lavoura. Metidos na caserna durante dois e tres anos, enquadrados numa disciplina rígida e ferós estes homens, jovens ainda, ali se embrutecem, se aviltam, se degradam, deixam de ser homens e transformam-se em autómatos. A caserna, aliás, já tem uma antecâmara na escola primária, onde aos filhos do povo se inculca toda uma série de preconceitos patrióticos e civicos, fanatizando-os pelos hinos e pelas bandeiras, pregando-se-lhes como excelsas virtudes a resignação, a submissão, a humildade. Constituidos assim os exercitos de ex-homens, de máquinas de matar, já o governo conta com a força suficiente para manter a ordem, isto é, para guardar os interesses dos patrões, que são os seus próprios interesses.

E são estes ex-homens que seguem ainda para as fronteiras, a defender a pátria que lhes martelaram no cérebro tenro, quando na escola primária.

(Conclue).

A greve na fabrica de botões

Continuam em greve os operários da fabrica Portuguesa de Botões, Limitada.

Os grevistas, reunidos na sua associação de classe para apreciar uma tabela de preços elaborada pelos industriais, resolveram por unanimidade não a aceitar, pois se a aceitassem isso traria a ruína da classe alem da acarretar gravissimos prejuizos para todos os trabalhadores em geral e especialmente para a classe dos botões.

Estes operários que reclamam o trabalho a jornal e um pequeno aumento de 10 por cento, convenientes de que a sua causa é uma causa racional e humana, acham-se dispostos a lutar intemperadamente até obterem uma vitória completa.

E' por isso que numa reunião havida entre os delegados da classe, os patrões e o governo civil, os primeiros, ponderadas as razões principais que os levaram a declarar-se em greve, deliberaram não aceitar a proposta apresentada pelo industrial Silva Lima, vereador socialista, proposta essa que alem de não resolver o conflito mais o agravaria e mais desgraçada viria colocar a classe.

Assim, em virtude do exposto os grevistas entenderam continuar na luta, até as suas reclamações serem atendidas.

A's colectivid ides pede-se, portanto, que auxiliem moral e materialmente os grevistas, na certeza de que prestam um optimo serviço á causa da emancipação humana, dando tambem um exemplo sublime de solidariedade tam necessária em actos desta natureza.

Espectaculo

Ha grande entusiasmo pelo grandioso espectáculo que o Centro B. E. Socials re-lisa no Teatro Antero de Quental, no domingo 8 de Agosto proximo, em beneficio da sua escola noturna.

O programa, conforme temos dito, compõe-se das excellentes peças do Teatro Livre—«O Triunfo» e «Amanhã».

Tambem se representará, pela primeira vez, a revista social—«Fitas Faladas».

Num dos intervalos do espectáculo, o distinto discursor Serafin Batista recitará a bela poesia—«Perdida e Achada».

Os poucos bilhetes que ainda faltam vender encontram-se á venda na redacção deste jornal e na séda do Centro promotor, rua das Antas 218.